

Régine Robin e Sophie Calle: passagens, conexões e mediações

Maria Bernadette Velloso Porto

Resumo: Sob diversos ângulos, as obras da escritora, historiadora, linguista, socióloga e tradutora Régine Robin e da fotógrafa, artista plástica e escritora Sophie Calle se iluminam reciprocamente. Novas *flâneuses* da contemporaneidade, percorrem espaços urbanos que se reinventam sob seus passos. Colecionadoras do efêmero e da banalidade do cotidiano, propõem intervenções criativas, reveladoras de uma poética do devir em um mundo em que se questionam as identidades fixas. Sensíveis às experimentações da autoficção e às possibilidades vinculadas ao virtual, não cessam de nos surpreender com criações marcadas pelo espírito inovador.

Palavras-chave: experimentações identitárias; escritas do eu; circulações urbanas.

Abstract: From many angles, the pieces of writer, historian, linguist, sociologist and translator Régine Robin and photographer, artist and writer Sophie Calle cast light on each other. New *flâneuses* of contemporaneity, they go through urban spaces which reinvent one another in their steps. Collectors of the ephemerality and banality of the daily life, they propose creative interventions, which reveal a poetics of becoming in a world in which fixed identities are questioned. Sensitive to the experimentations of the autofiction and to the possibilities related to the conception of “the virtual”, they never cease to amaze us with creations marked by their innovative spirit.

Key words: identity experimentations; self-writing; urban circulations.

Résumé: À plusieurs égards, les œuvres de l'écrivaine, historienne, linguiste, sociologue et traductrice Régine Robin et de la photographe, artiste plastique et écrivaine Sophie Calle s'illuminent réciproquement. Nouvelles flâneuses de la contemporanéité, elles parcourent des espaces urbains qui se réinventent sous leurs pas. En collectionnant l'éphémère et la banalité du quotidien, elles proposent des interventions créatives, révélatrices d'une poétique du devenir dans un monde où les identités figées sont contestées. Sensibles aux expérimentations de l'autofiction et aux possibilités liées au virtuel, elles ne cessent pas de nous surprendre dans des créations marquées par l'esprit innovateur.

Mots-clés: expérimentations identitaires; écritures du moi; circulations urbaines.

Ocupar todos os lugares é o sonho de todo romancista, de todo poeta, de todo artista, até mesmo de todo mundo. Encenar todos os outros que estão em mim, transformar-me em outro, dar livre curso a todo processo de se tornar outro, tornar-se seu próprio ser fictício ou, mais exatamente, dedicar-se a experimentar no texto o fictício da identidade: tantas tentações fortes, quase a nosso alcance e que saem atualmente do domínio da ficção. Essas tentações definiriam o horizonte da identidade pós-moderna, brincando ao mesmo tempo com “escolhas” *à la carte* e com a ruptura, a disseminação, a dispersão, a desconstrução do eu, em um jogo de espelhos em que não há mais certezas, nem ancoragem estável, nem filiações asseguradas. Entre o escritor, o narrador e os personagens, entre o artista e sua instalação, entre o ser humano e sua tela, uma fronteira porosa, um jogo, uma descontinuidade, uma passagem perigosa (Robin, 1997: 16-17).¹

Na introdução de seu livro *Le Golem de l'écriture: de l'autofiction au Cybersoi*, ao refletir sobre as novas configurações identitárias de nossa época, Régine Robin (1997) refere-se aos seres-Proteu. Marcados por uma perpétua transformação, pela fragmentação e pelas promessas do devir, manifestam-se como caleidoscópicos e camaleônicos por excelência. Encarnações da polifonia do sujeito em trânsito e do autoengendramento criativo, Régine Robin e Sophie Calle inscrevem-se como representantes expressivas das experimentações das escritas e das figurações do eu na contemporaneidade. Exímias nas artes do embaralhamento de pistas entre real e ficção, constroem para si mesmas um “efeito-sujeito” em suas obras. Deixando transbordar, para além dos limites de suas criações, marcas de si mesmas, elaboraram na cena literária e cultural personagens autorais que não cessam de nos surpreender. Conhecedoras das astúcias de Proteu e dos atributos do camaleão (Robin, 1997; Sauvageot, 2007), fogem a qualquer ideia de essencialismo identitário, apostando nos movimentos das passagens e nas movências inacabadas.

Antes de se tornar conhecida no Brasil – o que coincidiu com sua recente participação na FLIP em Paraty (2009) e com a divulgação de seu livro *Prenez soin de vous* (Calle, 2007)

¹ Todas as passagens extraídas de obras em língua francesa e citadas em português foram traduzidas pela autora deste trabalho.

através da mídia e da exposição com o mesmo título em São Paulo, em Salvador e no Rio de Janeiro –, Sophie Calle chegou a meu conhecimento através de Régine Robin, que, em seu ensaio supracitado, reservou o capítulo “Être sans trace” para tratar da fotógrafa.² Curiosamente, as palavras de Robin sobre Sophie Calle apontam para alguns aspectos privilegiados em sua própria obra, o que se justifica pela sintonia existente entre as duas: Sophie Calle situa-se na corrente de uma arte da narração, do diário, da exibição de si, de uma procura incomensurável. Ela coloca sua vida em caixas de vida, em caixas de sonhos.

Ela continua com outros sua obra de transgressão da identidade, de *mise en scène* do íntimo, do banal, do estereótipo, do cotidiano. [...] Entre o real, o possível, o sonhado, o fictício [...] é uma artista que deixa o leitor, o espectador, na maior perplexidade, mergulhando-o durante muito tempo na inquietante estranheza, no caminho das identidades que se perdem (Robin, 1997: 230).

Nesta citação, reconhecem-se marcas da obra robiniana: a importância de diários e agendas; a metáfora das *boîtes de vie* presentes na novela “Journal de déglingue entre le Select et Compuserve” (1996)³, em sua página virtual e no livro *Cybermigrances: traversées fugitives* (2004); os tênues limites entre o real e o fictício; a presença da banalidade do cotidiano; a invenção das escritas do eu; a inquietante estranheza causada pelos jogos identitários.

² Também na novela “Manhattan Bistro”, Robin (1996: 156) faz alusão a Sophie Calle, demonstrando sua admiração por ela e por outros artistas cujas exposições teve a oportunidade de ver em diferentes museus e galerias de Nova Iorque.

³ Nesta novela, explorando a ideia de arquivo e de uma gestão da memória, a narradora refere-se a caixas de memória que cada um encheria, ao longo da vida, com lembranças verdadeiras ou falsas: “Caixas de lembranças, verdadeiras e falsas. Caixas de passado que passa, que se inventa, que se vive ou se imagina, caixas amareladas, podres, caixas de *marchés au puces*” (Robin, 1996: 109). É, pois, sugerida a possibilidade de negociar a memória e de transformá-la através da invenção: trata-se de comprar caixas de vida segundo seu gosto e desejo pessoal, o que confere aos interessados a chance de adquirirem “biografias sob medida” que, graças aos recursos da internet, podem reescrever histórias pessoais, suprimir lembranças desagradáveis ou acrescentar outras que teriam embelezado o passado de seus compradores.

Ancoradas na contemporaneidade e sensíveis às novas práticas culturais de nosso tempo, Robin e Calle definem-se em primeiro lugar pela pluralidade e pela travessia de fronteiras em suas artes de fazer. Nascida em Paris em 1953, Sophie Calle inspira-se na mídia e no *reality show* em suas criações, circulando entre o *roman-photo*, o diário, a autoficção, a fotografia, a *filature*, o *road movie* e várias performances. Oriunda também de Paris e presença indispensável na literatura e ensaística produzidas no Quebec, Régine Robin é autora de uma “obra indisciplinar”⁴ que escapa a qualquer tentativa de enquadramento – como ocorre com Sophie Calle. Seu pensamento atravessa diversas áreas do conhecimento e práticas, como a análise do discurso, a história, a sociologia, a literatura, a tradução. Ensaísta e escritora, volta-se para reflexões sobre a escrita da história, as identidades na atualidade, a memória, as línguas, as megalópoles e a representação do irrepresentável: a *Shoah*.

Conectadas com os recursos de nosso tempo, Robin e Calle exploram, cada qual à sua maneira, as possibilidades do hipertexto – visto enquanto rede de relações que se situam também em páginas textuais. Para Robin, o hipertexto corresponde a uma época em que a complexidade, o heterogêneo, a fragmentação se fazem muito presentes em nosso dia a dia. Como outros escritores que se interessaram pelos recursos da internet, ela chegou a se entusiasmar pela escrita eletrônica por acreditar que a *web* forneceria formas

⁴ Ver a obra DÉSY, Caroline et al. (Org.) (2007). Cabe lembrar que as fronteiras entre os textos ensaísticos e as obras literárias da autora são frequentemente imprecisas, como se a ensaísta e a escritora se derramassem sempre para além das categorizações. Apenas para exemplificar, o último parágrafo da página 40 da novela “L’immense fatigue des pierres” (ROBIN, 1996) é retomado na página 374 de *Mégalopolis: les derniers pas du flâneur* (ROBIN, 2009). Da mesma forma, a novela “Gratok langue de vie, langue de mort” (ROBIN, 1996) foi citada, em grande parte, no texto virtual “L’allemand et moi”. Neste caso, ao contrário do que ocorreu com a passagem para o objeto-livro de textos criados na página virtual da autora – como se deu com o lançamento de *Cybermigrances: traversées fugitives* (Robin, 2004) –, o texto literário, copiado e colado como citação no texto virtual, transbordou para além dos limites da página. Isso comprova que a arte da citação se faz imprescindível nas redes rizomáticas do hipertexto. Defensora da ideia de que “Ceci ne tuera pas cela”, palavras de Victor Hugo em *Notre-Dame de Paris*, Robin sugere que o livro – enquanto *pagus* – e os textos virtuais podem enriquecer-se reciprocamente.

